

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



ENTREVISTA COM MAGDA SOARES*:
VIVÊNCIAS E PERSPECTIVAS
SOBRE EDUCAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO
E DOCÊNCIA

Entrevista concedida a Fabiana Giovani e Ana Cláudia de Souza**

* **Sobre a entrevistada:** Magda Becker Soares foi professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais, onde participou da criação da Faculdade de Educação. Atuou como consultora da rede municipal de educação de Lagoa Santa (MG), participando ativamente da formação de alfabetizadoras e da alfabetização das crianças. É autora de livros didáticos e de importantes pesquisas e obras sobre o ensino de língua portuguesa e a alfabetização, entre as quais se citam: “Português através de textos” (1990), “Letramento: um tema em três gêneros” (1998), “Alfabetização: a questão dos métodos” (2017) e “Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever” (2020).

** **Sobre as entrevistadoras:** Fabiana Giovani e Ana Cláudia de Souza organizam este dossier que trata de linguísticas da alfabetização. Ambas são professoras do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mails: fabiana.giovani@ufsc.br e ana.claudia.souza@ufsc.br.

A INESPERADA PARTIDA DA PROFESSORA MAGDA: NOTA EXPLICATIVA DO CONTEXTO DESTA ENTREVISTA

A professora Magda Soares que, lamentavelmente, nos deixou no primeiro dia de 2023, nos concedeu esta entrevista, por escrito, em 19 de abril de 2022. Mais do que as generosas palavras da entrevista, Magda nos proporcionou (ou presenteou com) três encontros virtuais que levaremos conosco em memória, em registros verbais orais e em transcrições escritas, que pretendemos compartilhar com os leitores tão logo o trabalho sobre o material esteja concluído. Desses encontros, promovidos a partir da entrevista escrita que aqui apresentamos ao leitor, resultou a riqueza da interação entre ela, João Wanderley Geraldi e nós, que nos tornamos mais espectadoras do que entrevistadoras de tão bonitos e potentes diálogos, que nos revelaram dois militantes apaixonados pela educação e esperançosos inveterados!

PALAVRAS INICIAIS

Magda Soares é um dos grandes nomes da pesquisa em alfabetização no Brasil. Sua trajetória de formação, pesquisa e ensino fazem com que toda sua dedicação a uma das principais questões da educação nacional – a alfabetização de crianças, jovens e adultos – tenha consistência, coerência e significativa relevância que não se medem em número de publicações tampouco em tempo de trabalho, ainda que ambos sejam bastante amplos. Magda Soares está para além do seu tempo. Sua luta é também a nossa luta. Como docentes que se dedicam ao ensino do ler e do escrever e ao investimento em uma verdadeira democracia, ela nos inspira a manter firmes os propósitos e as ações com vistas à efetiva alfabetização de cada um e cada uma que constituem a nação brasileira. Foi com grande satisfação que tivemos a oportunidade de propor esta entrevista, que se pretende de caráter narrativo, trazendo à tona um universo bastante particular da Professora Magda, que nos contempla com mais uma aula.

O DIÁLOGO COM MAGDA SOARES

A senhora poderia nos contar um pouco da sua história até a docência e a pesquisa em alfabetização? O que a trouxe para esta área e nela a manteve tão aguerridamente?

Magda: Gostei do advérbio "aguerridamente" ... expressa bem minha permanente luta, meio belicosa mesmo, sobretudo nos tempos sombrios que estamos vivendo atualmente no Brasil, luta pela democracia, pela educação e particularmente pelo direito de acesso ao mundo da escrita pelas camadas populares, as classes oprimidas, como as caracteriza tão bem Paulo Freire.

Eu fiz o curso de Letras nos distantes anos 1950. Confesso que a motivação foi o fascínio pela literatura e pela língua, leitora voraz que eu fui desde criança. Pertencente à classe média, não me preocupava em buscar um curso superior que me levasse a um bom emprego, nem mesmo cogitava de ser professora (não fui do tipo que dava "aulinha" para as bonecas...). Mas quando me formei, e ciente de que não me enquadra no destino de "espera marido", como era próprio da geração feminina naquela época, tornei-me professora. Comecei em uma escola municipal pública, ao pé de uma grande favela, para ensinar Português no que então se chamava "curso normal", preparatório para o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental, e também acompanhar o estágio nas classes de alfabetização das alunas, a maioria delas proveniente de uma grande favela próxima da escola. Para aquelas moças, o curso normal, oferecido então em grande parte das escolas públicas municipais, era quase a única alternativa para conquista rápida de um emprego: dispensando curso superior, podiam entrar imediatamente no mercado de trabalho como professoras das séries iniciais.

Foi então que, no convívio com as alunas e seu universo social e cultural e com as crianças das classes em que elas realizavam o estágio para a docência, crianças daquela mesma favela e imediações, "descobri" as camadas populares que só conhecia "de nome", foi um verdadeiro rito de passagem. Estávamos nos anos 1960, chegando à ditadura militar, e foi então que fiz outra descoberta que me fez compreender aquele rito de passagem: a descoberta de Paulo Freire. Imersa na educação e na cultura de jovens e crianças das camadas populares, fui compreendendo, junto a elas e por elas, a "leitura do mundo" que faziam, e assim fui compreendendo como levá-las à "leitura da palavra". Tornei-me freiriana convicta, não por muito falar ou escrever sobre Paulo Freire, mas por muito viver e praticar o que dele aprendi, e o que me manteve, e ainda me mantém "aguerridamente" na luta pela educação e pela alfabetização nas escolas públicas, particularmente as municipais, é a fidelidade à filosofia e à pedagogia do meu mestre Paulo Freire.

Como a senhora concebe o entrelaçamento entre os estudos linguísticos e o ensino do Português, considerando algumas das diferentes correntes teóricas que abordam o tema nas grandes áreas dos estudos linguísticos e educacionais?

Magda: Minha formação em Linguística foi sobretudo por autodidatismo; quando cursei Letras, não havia a disciplina Linguística no currículo dos cursos de Letras. Essa disciplina só passou a fazer parte do Currículo Mínimo desses cursos em 1963; eu me formei em 1954. No currículo de meu curso de Letras, na parte dedicada à língua, tínhamos Filologia, Sintaxe, Morfologia, sempre no quadro de uma gramática normativa. O que me alertou para o estudo da língua como um objeto científico, e não normativo, foi o professor de Latim, que considero um precursor da Linguística no Brasil, pois desenvolvia o estudo do Latim como o estudo de um objeto científico e assim me fez pensar na necessidade do estudo do português também como o estudo de um objeto científico. Assim é que fui conduzida à Linguística.

Durante os 10 anos em que ensinei e aprendi a ensinar em escolas públicas, refletindo sobre peculiaridades da língua portuguesa que punham sob suspeita a gramática normativa, dediquei-me a conquistar conhecimentos linguísticos por meio de muitas leituras, conversas e orientação de colegas linguistas com quem sempre mantive contato próximo e enriquecedor. Convivendo com as camadas populares e enfrentando frequentemente diferentes modalidades de uso da língua que encontrava nas escolas públicas, não só em crianças, mas também em suas famílias e mesmo em professores, me surpreendia o preconceito linguístico, social e cultural das classes privilegiadas contra o uso da língua pelas camadas populares. Expandi e aprofundei meus estudos e pesquisas na área da Sociolinguística, mas também na perspectiva da Sociologia da Linguagem e da Educação que vinham sendo desenvolvidas fora do Brasil em países em que a imigração e a estratificação social já criavam preconceitos linguísticos e sociais.

Quando me tornei professora da UFMG, pude desenvolver com meus alunos da pós-graduação pesquisas sobre variantes linguísticas nas escolas públicas. De minhas muitas leituras e de resultados de pesquisas resultou o livro *Línguagem e escola: uma perspectiva social*, em que anuncio e denuncio as discriminações de crianças nas escolas com base no uso diferenciado da língua (não só nas escolas, mas em toda a sociedade). Esta é uma das minhas lutas permanentes na formação de professores, luta contra a convicção de que existe um único Português, que ensinar Português é ensinar a falar e escrever “certo”, de acordo com a gramática normativa, afinal, era o que lhes tido ensinado na educação básica. Ainda hoje esbarramos com frequência na concepção de ensino de Português como ensino da gramática normativa. Inspirada por minha aprendizagem do latim no curso de Letras, com base em textos de autores latinos, e também influenciada pelo ensino do Francês como língua materna, que encontrava em livros didáticos usados na França, decidi tentar, em minhas aulas de Português e de formação de professores, um ensino do e pelo texto. Sempre com o desejo de chegar às escolas, supus que o livro didático poderia levar aos professores a proposta de um ensino pelo texto, e já no final dos anos 1960 escrevi uma coleção didática denominada “Português através de textos” e continuei escrevendo sucessivas coleções de livros didáticos, em que procurava acompanhar o desenvolvimento dos estudos linguísticos e sociolinguísticos, e ainda com a contribuição fundamental da Linguística Textual. Desiludida com a “indústria” do livro didático que se estendeu neste país a partir dos anos 1970, fui tomando outros caminhos na luta por um ensino de qualidade do Português: pesquisas sobre o uso de livros didáticos nas escolas me mostraram a distorção do que os livros propunham, estudos sobre a formação de professores para o ensino do Português evidenciavam uma orientação em geral afastada da realidade do ensino. Resultados sempre precários dos alunos durante os anos do ensino fundamental me convenceram que era preciso começar do ponto de partida: dos anos iniciais, quando se desenvolve a língua oral das crianças e se introduz as crianças na língua escrita. Foi outro rito de passagem: dirigi meus estudos e pesquisas para a alfabetização, a leitura e a produção de texto nos anos iniciais do ensino fundamental.

Como a senhora avalia a formação inicial do alfabetizador pelas universidades brasileiras, levando em consideração a Pedagogia e a inserção indireta da área das Letras? Qual o papel da formação continuada neste contexto?

Magda: Tenho dúvidas se podemos falar em formação do alfabetizador nas universidades brasileiras. Em termos da legislação educacional, essa formação cabe aos cursos de Pedagogia, que por definição forma professores para a educação infantil, as séries iniciais do ensino fundamental e a educação de jovens e adultos, nessa formação incluída a alfabetização. Mas a licenciatura – a formação para o ensino nessas séries – não tem tido o lugar relevante que deveria ter nos cursos de Pedagogia, apesar da importância que tem a educação escolar inicial das crianças.

O curso de Pedagogia persegue muitos outros objetivos além da formação de professores: visa a desenvolver conhecimentos na área da educação de forma ampla, incluindo disciplinas como Filosofia, Sociologia, Psicologia, Economia, Política, História, para dar apenas alguns exemplos, disciplinas cuja denominação vem sempre acompanhada do complemento “da educação”, e na verdade preparam não propriamente “professores”, mas “pedagogos”, profissionais habilitados a exercer atividades nas mais diversas instâncias que envolvam ações educativas em instituições não escolares, como empresas, hospitais, em projetos e programas educativos não escolares.

Considerando o objetivo talvez principal dos cursos de Pedagogia, a formação para o ensino escolar, ao curso caberia habilitar professores para os currículos da educação infantil e das séries iniciais, o que inclui um grande número de conteúdos, incorporados na BNCC: o ensino da língua, oral e escrita, aqui incluídas a alfabetização, a leitura e a produção de textos, o ensino da matemática, das ciências, da geografia, da história. Alunos de cursos de Pedagogia trazem conhecimentos relativos a esses conteúdos apenas do que aprenderam na educação básica, não suficientes para que sejam capazes de transpor de forma adequada, simplificando sem falsificar, esses conhecimentos para o nível linguístico e cognitivo de crianças.

Os cursos de Pedagogia incluem em geral disciplinas sobre *como ensinar* e estágios de práticas de ensino, e com pouco tempo nos currículos das licenciaturas dedicado a essas disciplinas.

No que se refere à alfabetização, objeto da pergunta (desculpem a digressão que julguei necessário fazer nos parágrafos anteriores para situar a alfabetização), a questão é mais grave porque o engano que vem persistindo em nosso país no processo de alfabetizar crianças e adultos, e tem gerado o renitente fracasso na alfabetização, explica-se porque, apesar dos estudos linguísticos e cognitivos que já vêm há muito tempo se voltando para orientar as crianças à apropriação do complexo sistema alfabético e às normas ortográficas, e ao uso desse sistema para ler e escrever textos, não chegaram à formação de alfabetizadores. Os cursos de Pedagogia oferecem, e na verdade apenas alguns cursos de Pedagogia, e em geral como disciplina optativa, alguma disciplina denominada “alfabetização e letramento”, ou algo semelhante, mas com foco sobretudo no como *ensinar*, não no como a criança *aprende* o sistema de escrita alfabética. Veja-se a insistência e persistência da questão do “método de alfabetização”. É que não se tem incluído na formação de alfabetizadores a necessária base em estudos linguísticos – fonologia, linguística textual, sociolinguística. Defendo, e é o que tenho feito quando me dedico à formação de professores para a alfabetização, a leitura e a produção de textos (não separo alfabetização e letramento), que é indispensável a inclusão nessa formação de disciplinas da área das ciências linguísticas, desde que voltadas explicitamente para o objeto “processos de aprendizagem da língua escrita”. Da mesma forma, é indispensável na formação para a alfabetização e o letramento disciplinas da área das ciências psicológicas, psicologia do desenvolvimento, psicologia cognitiva. Uma articulação do currículo da licenciatura do curso de Pedagogia com os currículos dos cursos de Letras e de Psicologia poderia ser uma solução, ou, melhor ainda, dar à formação para a alfabetização e o letramento uma especificidade, um currículo próprio, não apenas uma das possíveis opções de um curso de Pedagogia.

Na sua opinião, qual a importância de Paulo Freire para o cenário educacional brasileiro e para os estudos de alfabetização? O que pensa da forma como ele tem sido reconhecido no cenário político atual?

Magda: Como já disse em resposta a uma pergunta anterior, Paulo Freire teve e tem uma importância fundamental na minha formação e na minha atuação no campo da educação. Deveria ter essa importância para a formação e a atuação de todos os professores, não só alfabetizadores, todos os professores. Paulo Freire é quase sempre ligado à alfabetização, chegam a falar sobre o “método de alfabetização de Paulo Freire”, embora ele mesmo tenha sempre rejeitado que tivesse proposto um método; o que ele realmente nos ensinou, e continua nos ensinando pela leitura e releitura de seus muitos livros, é uma concepção de educação para a conquista de igualdade, de equidade, e uma relação de compreensão e empatia com os que partilhamos a vida neste planeta, uma maneira de viver e interagir com os próximos e os distantes (lembre-se sua corajosa luta em países da África em favor dos colonizados). Os atores do cenário político atual não conhecem a vida e os livros de Paulo Freire, nada sabem do que ele escreveu e fez, nem têm sensibilidade para compreender o que ele nos ensina, por isso se rebelam contra o respeito, a admiração, a fidelidade a ele, nosso patrono, queiram ou não queiram esses que vêm destruindo a educação no cenário atual.

Quanto a Emilia Ferreiro e sua psicogênese, como comprehende o seu papel na história e no cenário de alfabetização brasileiro?

Magda: Emilia Ferreiro deu uma grande colaboração para nosso entendimento do processo de alfabetização. Não propôs um método de alfabetização, e muitas vezes rejeitou publicamente que teria criado um “método construtivista”, como foi, e ainda é, muito repetido pelo mau entendimento do que é “construtivismo”. O inestimável esclarecimento que Emilia Ferreiro trouxe para a área da alfabetização foi identificar, com evidências científicas (que, diga-se de passagem, não são exclusividade do método fônico, como pretendem os que desgovernam a educação atualmente), a psicogênese da escrita na criança e assim esclarecer o processo cognitivo e linguístico da criança na aprendizagem do sistema alfabetico da escrita. Considero que as fases que ela identificou nesse processo constituem o eixo fundamental a partir do qual temos pesquisado e praticado a alfabetização, completando-o com outros aspectos que conduzem a criança em seu processo psicogenético de aprendizagem, como o desenvolvimento da consciência fonológica, a aprendizagem sistemática das letras. É preciso ainda não esquecer que Emilia Ferreiro vai muito além da pesquisa sobre a psicogênese da escrita; tem desenvolvido e publicado muitas pesquisas que estudam mais miudamente as etapas da psicogênese esclarecendo peculiaridades do processo de alfabetização, e também pesquisas sobre a produção de textos pelas crianças que enriquecem nossa compreensão da aprendizagem da escrita.

Que leitura(s) a senhora faz da atual política brasileira de alfabetização e como avalia o porvir no cenário da alfabetização, pós-pandemia, em termos de políticas públicas e de sala de aula?

Magda: A única leitura que se pode fazer da atual política brasileira é que ela tem destruído o sistema educacional brasileiro, não só no que se refere à alfabetização, mas a todo o sistema: a educação básica, a educação superior, a pós-graduação. Regredimos anos, nem sei quantos, no caminho que vínhamos penosamente trilhando para avançar em qualidade e equidade na educação. Para mim, é revoltante e terrivelmente frustrante ter trabalhado durante mais de 70 anos na educação pública, pela educação pública, com fé, com esperança, acreditando que poderíamos alcançar a utopia que Paulo Freire perseguia, e chegar ao fim da vida — estou chegando aos 90 anos — vendo que nada que perseguímos chegamos a alcançar, que o que já tínhamos alcançado vem sendo destruído. Antes de pensar na pós-pandemia, temos de pensar na absoluta ausência da política educacional para orientar as escolas, as universidades, toda a sociedade no enfrentamento à pandemia. Se é que já chegamos à pós-pandemia, continuamos vivendo a incerteza, procurando caminhos para minimizar o enorme prejuízo para os estudantes afastados das escolas por tanto tempo, sobretudo as crianças em fase de alfabetização, um processo que tem seu momento adequado no processo de desenvolvimento da criança e depende fundamentalmente de orientação pedagógica. O que pode nos animar um pouco é o esforço que as escolas públicas e as universidades estão fazendo para recuperar o que nem sempre é recuperável, procurando caminhos e soluções.

A senhora é uma referência de extrema importância para os estudos em alfabetização e letramento no cenário brasileiro, especialmente, para nós, organizadoras deste dossiê. Que mensagem gostaria de deixar para aqueles que já estão e/ou que querem mergulhar no universo do trabalho pedagógico e de pesquisa na alfabetização?

Magda: Deixo como mensagem palavras de Paulo Freire que têm sido meu guia, me têm mantido combativa e persistente na luta pela educação; que as palavras dele mantenham persistentes os que, como eu, pretendam dedicar sua vida à educação:

Se não estou no mundo apenas para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo, se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes. (Paulo Freire)



Recebida e Aceita em 14/06/2022.